

Representações de gênero e o espelho da cisheteronormatividade: por um jornalismo mais plural

**Gender Representations and the Mirror of Cisheteronormativity:
Toward a More Plural Journalism**

Rafael Rodrigues Pereira¹

COÊLHO, Tamires Ferreira (org.). **Desigualdades de gênero e representações midiáticas**. Cuiabá: Paruna Editorial, 2022.

Resumo

A resenha analisa a obra *Desigualdades de gênero e representações midiáticas*, organizada por Tamires Ferreira Coêlho, como uma contribuição relevante aos estudos sobre gênero, mídia e comunicação. A coletânea, fruto de um projeto da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), evidencia como o jornalismo brasileiro, mesmo o considerado de referência, reproduz a cisheteronormatividade e a lógica androcêntrica ao representar fontes e narrativas, reforçando estereótipos e apagando vozes dissidentes. Com base em uma abordagem interseccional e em autores como Butler, Foucault e Hall, a obra denuncia as formas simbólicas de violência presentes na mídia, mas também aponta caminhos para práticas comunicacionais mais plurais e democráticas, valorizando saberes subalternos e experiências LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Estudos de gênero. Sexualidade. Representação. Cobertura Jornalística.

Abstract

The review analyzes the book *Desigualdades de gênero e representações midiáticas*, organized by Tamires Ferreira Coêlho, as a relevant contribution to studies on gender, media, and communication. The collection, the result of a project at the Federal University of Mato Grosso (UFMT), highlights how Brazilian journalism—even that considered a reference—reproduces cisheteronormativity and androcentric logic in its representation of sources and narratives, reinforcing stereotypes and silencing dissident voices. Drawing on an intersectional approach and on authors such as Butler, Foucault, and Hall, the work denounces the symbolic forms of violence present in the media, while also pointing to pathways for more plural and democratic communicational practices, valuing subaltern knowledges and LGBTQIAPN+ experiences.

Keywords: Gender Studies. Sexuality. Representation. News Coverage.

¹ Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa - Portugal. Pós-graduando em Docência no Ensino Superior pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente, integra a equipe de pesquisadores da região sudeste no GMMP 2025 – Global Media Monitoring Project, estudo sobre gênero na mídia mundial. Vínculo institucional: Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: rafa_rpereira@gmail.com.

Organizada por Tamires Ferreira Coêlho e publicada pela Paruna Editorial em 2022, a obra *Desigualdades de gênero e representações midiáticas* configura-se como uma importante contribuição aos estudos sobre gênero, mídia e comunicação, integrando reflexões interseccionais em um momento de acirramento das desigualdades e conservadorismo nas narrativas midiáticas. Fruto do projeto de pesquisa “Comunicação, gênero e mídia: representações, construções discursivas e possibilidades cidadãs”, desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), o livro também articula práticas de extensão por meio do Pauta Gênero – Observatório de Comunicação e Desigualdade de Gênero. Lançado no 21º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, promovido pela SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo em parceria com a Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília no ano de 2023, o volume reforça o diálogo entre pesquisa acadêmica e engajamento social, mostrando como a universidade pode contribuir na desconstrução das estruturas simbólicas que perpetuam desigualdades de gênero e opressões interseccionais.

Ao longo de oito capítulos, a obra revela como o jornalismo brasileiro, inclusive aquele considerado de referência, como o programa *Fantástico*, não apenas negligencia questões de gênero, mas reitera uma lógica androcêntrica e cisgenderonormativa no processo de escolha de fontes, construção narrativa e visibilidade midiática. No primeiro capítulo, por exemplo, os autores demonstram com dados empíricos que mulheres, quando aparecem, são associadas ao espaço doméstico, à emoção e à experiência pessoal, enquanto os homens ocupam o lugar da razão e da expertise. A crítica aqui vai além da denúncia: ela desnaturaliza o mito da imparcialidade jornalística, desestabiliza a ideia de neutralidade e aponta a urgência de revisitá-las noções de “fonte”, “pauta” e “relevância”.

O mérito da obra está em sua abordagem interseccional, que não toma gênero como uma categoria isolada, mas como elemento imbricado a raça, classe, sexualidade, território e geração. Nesse sentido, os capítulos dedicados ao jornalismo sensacionalista (*Cadeia Neles*), à análise dos planos de governo nas eleições de Cuiabá e à campanha “Salve Uma Mulher” são particularmente contundentes. Eles revelam não só os mecanismos simbólicos de violência, mas também como o discurso midiático pode operar como uma tecnologia de exclusão. A culpabilização da vítima, a hipervisibilidade de corpos racializados em contextos de criminalidade e a invisibilidade das mulheres negras em políticas públicas ditas “universais” não são acasos; são expressões de um projeto comunicacional normativo, excludente e violento.

Contudo, embora a crítica seja aguda, a obra não cai no desespero teórico. Há um comprometimento com a transformação, visível tanto na escolha dos objetos de pesquisa — que priorizam vozes e territórios subalternizados — quanto na proposta de práticas comunicacionais mais justas. Ao investigar as narrativas dissidentes no canal *Guardei no Armário*, por exemplo, o livro ilumina o potencial contra-hegemônico das mídias digitais LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo em que alerta para os riscos de sua cooptação ou esvaziamento simbólico. Nesse ponto, o livro se alinha aos debates contemporâneos sobre decolonialidade, performatividade e pedagogias da resistência.

Um dos grandes trunfos da coletânea é a adoção da interseccionalidade como eixo teórico-metodológico. O conceito, cunhado por Kimberlé Crenshaw e amplamente desenvolvido por Patricia Hill Collins (2019), é tratado não apenas como um “recurso analítico”, mas como um compromisso ético com a complexidade das experiências sociais. Ao evidenciar que opressões de gênero, raça, classe e sexualidade não ocorrem de maneira isolada, mas interligada, a obra rompe com leituras reducionistas da desigualdade e aponta para a necessidade de leituras situadas e históricas.

Por exemplo, nos capítulos que tratam da invisibilidade das mulheres negras nas fontes jornalísticas e na publicidade institucional, como na análise da campanha “Salve Uma Mulher”, essa perspectiva interseccional permite escancarar o quanto os discursos de “salvação” operam dentro de lógicas de branquitude salvacionista e apagamento da agência das mulheres racializadas. Isso mostra que a violência simbólica não se dá apenas pela ausência, mas pela forma como certos corpos são enquadrados, estetizados e silenciados.

Outro conceito central trabalhado na obra é o de cisheteronormatividade, entendido como um regime normativo que pressupõe a heterossexualidade compulsória e a conformidade entre sexo biológico, identidade de gênero e expressão de gênero. A crítica à cisheteronormatividade perpassa especialmente os capítulos sobre o *Fantástico* e o programa *Cadeia Neles*, nos quais a normatividade do masculino branco cisgênero é naturalizada como padrão de autoridade e racionalidade, enquanto corpos dissidentes são sistematicamente desqualificados, expostos ou estigmatizados.

A obra evidencia que a mídia tradicional não apenas reflete a cisheteronormatividade, mas a performa continuamente, por meio de escolhas narrativas, visibilidades hierarquizadas e enquadramentos que reafirmam um modelo binário e patriarcal de sociedade. Isso é visível, por exemplo, na forma como as fontes trans, LGBTQIAPN+, negras ou periféricas aparecem na cobertura jornalística – quando aparecem, geralmente o fazem como exceções,

personagens curiosos ou vítimas de violência, raramente como sujeitos políticos ou especialistas.

Inspirada em Stuart Hall (2016) e Denise Jodelet (1989), a coletânea trata a representação não como simples espelho da realidade, mas como um processo ativo de construção de sentidos, em que estereótipos operam como dispositivos de manutenção da ordem social. Hall é amplamente citado ao destacar que os estereótipos são usados para reduzir e fixar a diferença, exagerando traços identitários a fim de estabelecer fronteiras simbólicas entre o “nós” e os “outros”.

A coletânea aponta, ainda, que a luta por representações mais justas da população LGBTQIAPN+ não se limita à demanda por visibilidade. Trata-se de disputar o sentido da presença: aparecer na mídia como sujeito político, com agência, saber e legitimidade. Nesse sentido, os capítulos dedicados às narrativas dissidentes e às epistemologias queer contribuem para deslocar o olhar para fora do eixo da normatividade. Ao incluir experiências como as narrativas do canal *Guardei no Armário*, a obra amplia o escopo da crítica ao jornalismo, evidenciando como a performatividade de gênero e sexualidade, ao ser visibilizada em primeira pessoa, pode romper com os enquadramentos opressivos da mídia tradicional. É nesse ponto que a crítica se torna também uma proposição: criar espaços para que outras vozes se expressem, sem a mediação reguladora da cisheteronormatividade institucionalizada nos meios de comunicação.

4

Os capítulos sobre o tratamento sensacionalista da violência contra mulheres, como no caso do *Cadeia Neles*, são especialmente exemplares nesse aspecto. A mulher vítima de violência é constantemente representada por meio de enquadramentos que sexualizam seu corpo, deslegitimam seu sofrimento e, muitas vezes, sugerem culpabilidade — um processo que reitera estruturas de dominação e atua como pedagogia da submissão.

A partir de Judith Butler (2014), a obra também discute como as normas de gênero são construções sociais reiteradas que moldam o reconhecimento dos sujeitos. A cismatividade, por exemplo, é revelada como critério implícito de inteligibilidade social e midiática: só é “compreensível” o sujeito que se encaixa nas normas de gênero pré-estabelecidas. Essa crítica aparece nos estudos sobre a invisibilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na cobertura jornalística e na forma como as experiências de não conformidade são, em geral, patologizadas ou exóticas.

Essa concepção de norma vai além da mera análise textual, pois articula poder, saber e corpo, conforme as contribuições de Michel Foucault (2009) e Butler (2014). A mídia, nesse sentido, funciona como uma instituição que produz e reforça tais normas, com efeitos

concretos na vida social e nas políticas públicas — seja ao legitimar determinadas subjetividades, seja ao silenciar ou criminalizar outras.

Ao longo da obra, a crítica à noção de objetividade jornalística é mobilizada como forma de descolonizar o olhar midiático. A partir de Fabiana Moraes (2018), Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019) e outras autoras negras e latino-americanas, o livro desmonta a falsa universalidade que sustenta o jornalismo “de referência” e evidencia que a pretensa neutralidade serve a um sujeito universal branco, masculino, cis, heterossexual e de classe média.

Essa crítica epistêmica é fundamental porque convoca o jornalismo a se reconfigurar enquanto prática democrática e não apenas técnica. A coletânea, nesse ponto, propõe uma ética comunicacional comprometida com a diversidade, com o reconhecimento de saberes subalternos e com a responsabilização dos meios diante das múltiplas violências que reproduzem.

Ficha Técnica

Título: *Desigualdades de gênero e representações midiáticas*

5

Autor: Tamires Ferreira Coelho

Editora: Paruna Editorial

Ano: 2022

Número de páginas: 138 p. (formato PDF)

Edição: 1^a edição

ISBN 978-65-85106-07-8

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

COÊLHO, Tamires F. (org.). **Desigualdades de gênero e representações midiáticas**. Cuiabá: Paruna Editorial, 2022. Disponível em: <https://paruna.com.br/wp-content/uploads/2022/12/desigualdade-de-genero-e-representacoes-midiaticas-parunaeditorial.pdf>

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2016.

JODELET, Denise. **Les représentations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

MORAES, Fabiana. Pode a subalterna a subalterna calar? Limites e transbordamentos entre repórter e entrevistadas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.15, n. 1, p. 85-97. janeiro/junho 2018.

VEIGA DA SILVA, Márcia; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: A subjetividade como estratégia descolonizadora. *In: 28º Encontro Anual da Compós. Anais* [...] Porto Alegre: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>. Acesso em: 28 ago. 2025.

Submissão: 01 jul. 2025

Aceite: 19 ago. 2025